

P 893

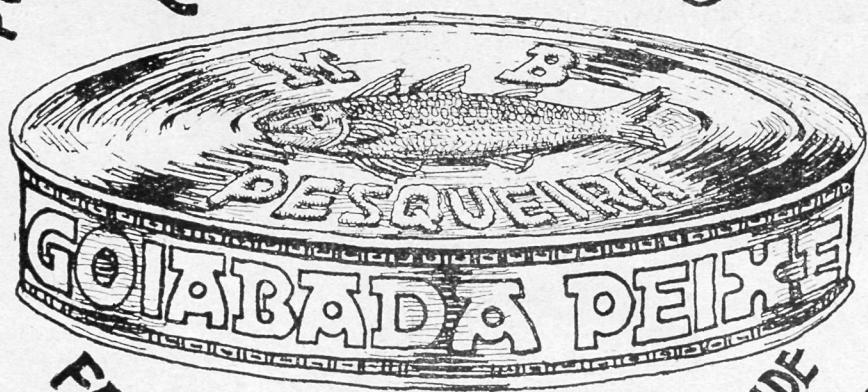


REVISTA DA CIDADE

Numero 141
Anno IV

A SOBRE MESA
DA PREFERENCIA DE TODOS
HA 30 ANNOS, SEMPRE FOI
E SERA'

PEDIMOS AOS NOSSOS COMPRADORES
CONFUNDIREM OS PRODUCTOS
MARCA **PEIXE** NAO



COM OUTROS
FABRICADOS NA MESMA LOCALIDADE

FABRICANTES:

Carlos de Britto & Cia.

RECIFE — PERNAMBUCO — PESQUEIRA

A C I D O U R I C O
O FLAGELLO DA VELHICE
ELIMINE O ACIDO URICO COM O
H Y D R O L I T O L

A mais saborosa agua mineral
A mais diuretica agua de mesa
A mais digestiva agua gazoza
A mais barata das aguas.

HYDROLITOL VENDE-SE EM TODAS AS PHARMACIAS, DROGARIAS, MERCEARIAS E NO POSTO
HYDROLITOL A RUA NOVA N.º 317—Caixa com 10 litros \$5000—1 litro \$600.



O sr. Modesto Leal sahindo muito ceco, de amanhã, encontra na rua um mendigo, que o conhecia, e que lhe dirige a palavra:

—Bom dia, sr. conpe, já na rua, de manhã tão cedo?

—E' verdade, vou dar um giro a pé assim de ter um pouco de appetite ao almoço. E você, que está fazendo?

Depure seu Sangue

Fortaleça seu Organismo

Augmente seu Peso

Com o tratamento pelo Elixir de Inhame, o doente experimenta logo uma transformação no seu estado geral; o appetite aumenta, a digestão se faz com facilidade (devido ao arsenico), a cór torna-se rosada, o rosto mais fresco, melhor disposição para o trabalho, mais força nos musculos, mais resistencia á fadiga e respiração facil.

O doente torna-se florescente, mais gordo, sente uma sensação de bem estar muito notavel. O elixir de Inhame é o unico depurativo-tonico, em cuja formula tri-iodada entram o arsenico e o hydrargirio e é tão saboroso como qualquer licor de mesa.

DEPURA - FORTALECE - ENGORDA

—Precisamente o contrario, ando a procura de um almoço para o meu... appetite.

Criada "up to date"

— Olha, Rosinha, nós vamos ao theatro, e só chegaremos em casa bastante tarde.

— Não teni duvida patroa, responde a dita, com toda a simplicidade, não era preciso a senhora pedir-me desculpas por tão pouco.

Scenas de rua

— Pois você pede-me esmola de chapeo na cabeça?

— E' para distarçar; não vê o guarda civil ahi na esquina? Assim elle pensa que somos amigos.

Entre marido e mulher:

— Não imaginas, como ficas feia quando ris.

— Então é ror isso que me fazes chorar tão a miudo!

Na "Revista da Cidade" aceitam-se serviços de encadernação, a preços modicos

REVISTA DA CIDADE

SEMANARIO DA VIDA MUNDANA
DO RECIFE.

Dispondo de bem installadas officinas,
aceita todo e qualquer serviço de arte graphica

Rua do Imperador Pedro II — 207

A Cerveja maltada

III

Malzbier

III

**é um poderoso fortificante,
de delicioso paladar**

N U M E R O
1 4 1
A N N O I V

REVISTA DA CIDADE

2
F E V E R E I R O
1 9 2 9

Propriedade da "S. A. Revista da Cidade"

(OFFICINAS PROPRIAS)

Redacção e Officinas: Rua do Imperador Pedro II, 20-

Endereço Teleg.: REVISTA—Phone 0.015

RECIFE — PERNAMBUCO

D i r e c t o r - g e r e n t e — J O S É D O S A N J O S E

D i r e c t o r - s e c r e t a r i o — J O S É P E N A N T E

C a r n a v a l

Ella entrou por uma porta e saiu pela outra.

Tal qual a Vaquinha Victoria.

Mas estava vestida de azul, toda de azul, desde o chapéu maluco até os sapatos também.

Foi-se embora.

Deixou a lembrança nos olhos de qualquer coisa boa.

Deixou nos ouvidos a lembrança de uma gargalhada sem fim.

Uma história?

Um engano da sensibilidade?

A alegria?

A dor fantasiada?

Não sei...

Uma mulher...

Entrou por uma porta e saiu pela outra...



Alvaro Moreira

AO CAIR DO SOL

Num galeão de nuvens, para a Aurora
Embarca, ao largo, o sol. E, de longada,
Para assistir ao grande bota-tóra,
Vem, pela terra, a sombra amargurada.

Desce, entre os castanhais, pela assomada,
Campainha a tocar, o Senhor fóra.
Passam pombas, no ar, em revoada;
Ouvem-se, ao longe, os gritos duma hora.

E o Senhor vem passando: e com Ele vai,
A cantar o Bem-dito, de mansinho,
A gente que acompanha Nossa Pai!

E as ceifeiras deixaram de ceifar:
Ajoelham á beira do caminho,
E ficam de mãos postas, a rezar.

ANTONIO CORREIA DE OLIVEIRA

VAUQUELIN, o notável chimico, foi convidado um dia a assentarse á mesa de Napoleão, que muito se comprazia em rodear-se de sabios.

Quando Monge e Chapal souberam que estaria á mesa o grande chimico, disseram a Napoleão: Vauquelin é tão apaixonado pela especialidade que, tocando-se neste ponto elle se esquece de tudo mais, mesmo de comer.

Pois vamos experimentar, retorquia Napoleão.

Dito e feito. Apenas assentados a mesa, alguém fez a Vauquelin uma pergunta sobre chimica. O homem se pôz a discorrer, e não mais cessou não se lembrando siquer dos pratos que lhe punham e tiravam.

Levantam-se, retiram-se, e elle também.

Encontrando-se com

Fourcroy, Vauquelin lhe diz: "Admira como é a gente mal servida na mesa de Napoleão. Nunca comi tão mal".

Então Fourcroy lhe explicou que era um laço que haviam armado á sua paixão científica, e que se lembrasse de não ter comido nada.

Vanquelin não se a gastou, mas protestou não fazer mais conferencias á hora das refeições; e dari em diante achou sempre pretexto para não aceitar os convites imperiaes.

TUDO é igualmente vão nos homens ae suas alegrias como os seus pesares; mas mais vale que a bolha de sabão seja de ouro ou de azul, do que negra ou cinzenta.

O espírito contrae tão facilmente o hábito da preguiça como o corpo.



Na praia de Pajuçara, em Maceió



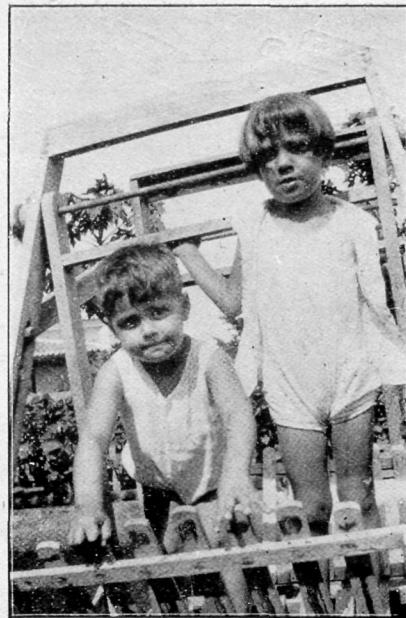
Quatro
degráos
felos...

Quatro
criaturas
bonitas...

INGRATO j o v e m , querendo desfazer-se d'um cão fiel, resolveu afogá-lo.

Para levar a bom termo seu intento, tomou um bote, distanciou-se da margem e no meio da corrente atirou-o na água. Mergulhou o cão voltando momentos depois à superfície das águas, fazendo esforços desesperados para alcançar a embarcação. Cada vez que se aproximava, o perverso dono fazendo uso do remo arremessava-o ao fundo da corrente.

Como se prolongasse essa luta entre o homem e o animal,



Mauro e Naná, dois terríveis e galantes leitores da "Revista da Cidade"

exasperado procurou [o primeiro, com as mãos ambas, segurar o remo, assim de desferir sobre o inocente animal o golpe fatal: perdendo o equilíbrio, porém, caiu na corrente.

Mudou a cena como por encanto: viu-se o cão agarrar nas fortes presas a blusa do ingrato e com elle nadar até a margem, onde o depôz sôlo e salvo após ter corrido o risco de ser arrastado muitas vezes pela corrente.

MITA a natureza e, com ella põe a mira numa vida cada vez mais activa.



(F. Rebello)

P A R A A D V I N H A R A P R E M I O : Q U E M S Ã O ?



C A R N A V A L

Mais oito dias e a cidade estará, de facto e direito, entregue á grande Folia. Não ha nada melhor que o carnaval. E' o reinado desse deus maravilhoso que chega, dá um ponta-pé na tristeza e deixa a gente feliz por quatro dias. Que pena que sejam só quatro dias! Podia ser uma dezena. Ou um mez... Se fosse o anno todo, que boa seria a vida!

Seja como fôr, a Pandega vem ahi e quem fôr triste que vá ouvir a "Ramoana" em vinctrola. Quando sóam os clarins de carnaval, só ha um caminho a seguir: é sair de corpo, alma, coração, figado, etc, nessa cousa maravilhosa que é o frêvo.

Viva o Carnaval!

Viva a Folia!

Fóra a Tristeza!

--

O "Jockey" está trabalhando que é um gosto. Este

ano muito gente vae ficar "banzeira"... Do sabbado gordo para o domingo gordíssimo, o Palacete Azul vae vêr o frêvo rôxo. Quem não puder aguentar firme, tique em casa, pensando na estabilização do cambio ou no meio de pegar o Lampião. Quem estiver disposto a esquecer as amarguras da vida, então vá ao "Jockey" e depois venha dizer cá fóra se ha cousa melhor que a Folia. O coronel Tonico Fer-

reira quer vêr o "Jockey" correr de ponta e aprompta-se firme para o pareo de honra.

—

O velho "Internacional" não quer fazer teio nessa época de Voronoff. A animação está ultra. Rosa Borges, Pinto Lapa, Machadinho, Nelson Vaz, Faria... Que gente! Não esmorece nem com a crise. Carnaval é carnaval e o mais é historia fiada. Vae haver surpresas. As marchinhas cantadas vão ser um gosto. A orchestra vae ter uma duzia de professores, oh! rojão! As paredes estão pintadinhas de uma porção de cousas bonitas. E de tal maneira que a gente chega, entra e quando quer sahir, "que dé"? Não sae mais. Fica. Amanhece o dia e o pessoal, ali, firme, dansando. E' assim que vae ser o negocio. Em



1929, affirma o pessoal, ninguem faz teio.

—

A turma de S. U. Britanica mandou um "ultimatum" á Tristeza, o "Country", depois das 21 horas vae virar "coisa"... A alegria entra em casa, aboleta-se com todas as honras e a madrugada vira, gostosa como um tonel de "Wiskey". A turma do "Country" só pede um favor: quem fôr triste, fique em casa, porque a senha é perigosa: "the rigth man in the rigth place".

All rigth...

—

No pessoal que vae para a rua, nem é bom falar. Ninguem fica em casa. Nem a oposição, nem o governo. A politica será de paz e só contará victoria quem souber fazer melhor o passo da tezoura, na onda desbragada do trêvo.

As phantasias serão innumeras e cada qual melhor. Os foliões não querem desmentir a tradicção da terra. Pernambuco pode esquecer tudo, mas nunca o carnaval legendario da "ondia", que o Mario Mélo defende com o ardor de um folião a 1830, como compete á sua elevada posição alegre i de secretario perpetuo da maior instituição archeologica e

geographica desses Brasis que Pedro Alvares Cabral descobriu já com um cheirinho de carnaval, com "caboclinhos" e "maracatús".

Assim sendo, e por estar conforme, não ha nenhum mal em declarar que vamos entrar na semana da pandega com a disposição heroinicamente pernambucana de attender contra o regimen da tristeza, decretando a alegria obrigatoria que ainda é a melhor cousa dessa vida que nos outros dias a gente faz a tolice de quem levar a serio.

Soam os clarins.

E' Carnaval.

Viva o Carnaval!



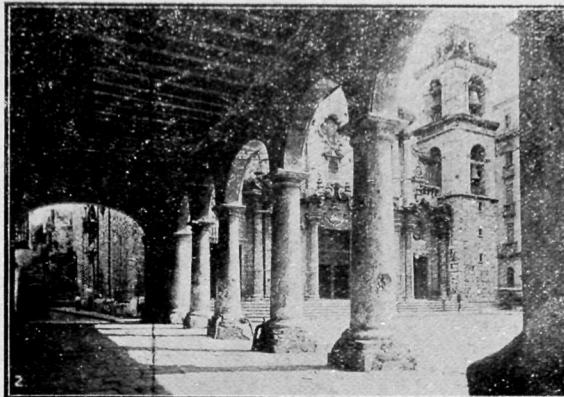
D. Pedro Segundo visitou três vezes a província de S. Paulo : — em 1846, 1876, 1886 e de todas essas visitas ficaram anedotas e contos deliciosos, que os livros não archivaram, mas a tradição conserva. Em 1846 foi a famosa quadrinha ao povo ytuano : — O sincero acolhimento do fiel povo ytuano Gravado fica no peito do seu grato soberano.

Em 1876 não menos interessante foi a visita à fonte do Itóróro : D. Pedro Segundo Esta fonte visitou, E para mais honra lhe dar, Dois copos d'água tomou.

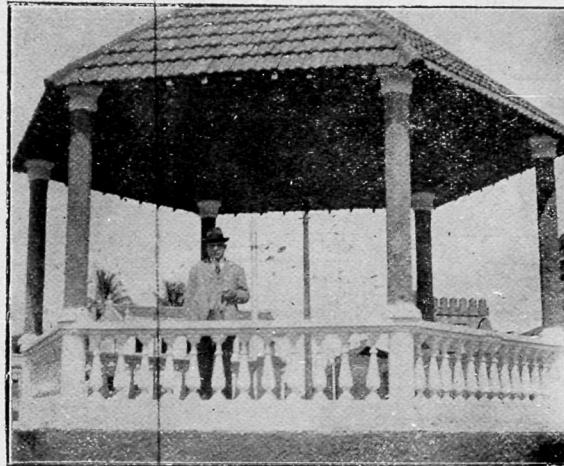
Em 1886, na estação de Araraquara José Bertoni começou um discurso : — Ma esta, in nome della colonia italinana ! Isto aos gritos para ser ouvido pela multidão : mas, o imperador foi logo dizendo : — Parla poco e basso. O orador embatucou. Na estação de Mineiros, o conde do Pinhal mandou substituir a taboleta para d. Pedro Segundo, e quiz proférir algumas palavras ; mas o imperador foi logo dizendo : — Muito obrigado, senhor Pinhal pelo discurso. O discurso eu lerei nos jornais.

E assim, com esse mau humor, o imperante foi durante a viagem toda apreciando as coisas e contrariando os homens.

Em Sorocaba, porém, houve um princípio de desastre : — o imperador tropeçou numa calçada, ou os cavalos do carro iam disparando, já nos não lembramos



Interior de um grande templo de Cuba



O coronel Antonio Azevedo, alto comerciante nesta cidade depois da passeando em Beberibe de seu regresso da Europa.

bem, e um negociante daquela cidade conseguiu evitar o desastre, segurando firmemente o imperador, ou tomando resolutamente os cavalos pelos freios. O caso

é que todos aplaudiram a intervenção efficaz e prompta do negociante, que foi cumprimentadíssimo.

— Muito obrigado, muito obrigado o senhor

salvou-me de boas ; senhor camareiro tome nota do nome deste fiel subdito.

O heróe daquelle dia não tinha taboleta na sua casa de commercio; mas, mandou fazer uma com a maior urgencia. E no dia seguinte, os sorocabanos puderam ler em letras garrafais, bem no alto e centro da loja os seguintes dizeres :

— “Ao Salvador da Monarchia”.

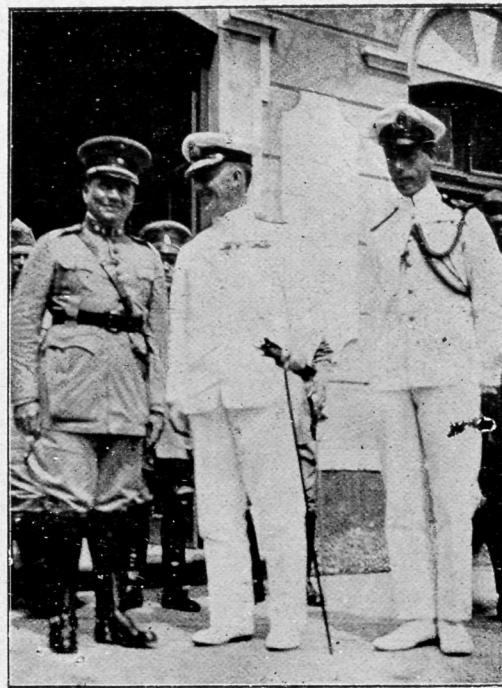
E a freguesia cresceu tanto, que o negociante tornou-se dos mais fortes da zona.

ELYSIO de Carvalho, estheta, cultor de polícia scientifica e homem de acção, era também um arguto “detective” á maneira de Berillon e de Reiss. A polícia empírica trabalha na sombra ; a polícia scientifica á luz do raciocínio positivo e descoberto. Reiss desafia o criminoso e floreteia com os factos, frente a frente. Assim foi sempre o agir de Berillon e a acção do também grande investigador criminal dr. Balthasar, que tão interessantes casos revelou á polícia tranceza.

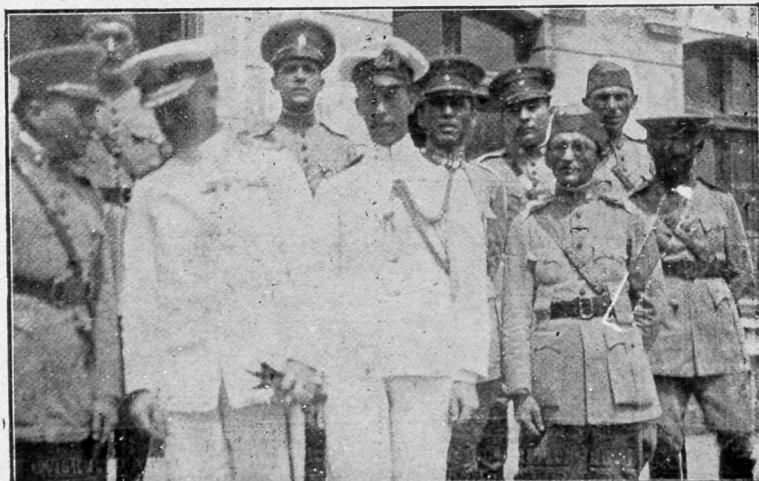
Dentro desses mesmos moldes Elycio de Carvalho realizou varias investigações de algum vulto. O que porém, vou contar, é um caso simples, mas curioso, a maneira da critica moderna que mais elucida com um pequeno facto anedótico que com um episodio de grande narração : — O chefe de uma grande casa com-

mercial fóra furtado, em sua residencia, na quan-
tia de 12:000\$000. Não
querendo levar o caso
ao conhecimento da po-
lícia e dos jornaes, o
commerciante resolveu
chamar o seu amigo
Elycio de Carvalho. O
elegante investigador,
dentro dos ensinamentos
científicos, foi fazer o
exame do local do cri-
me. A analyse cuidado-
sa foi de todo ponto
sem resultado. O dia já
ameaçava findar e o
commerciante sorria do
fracasso da polícia mo-
derna, tão rigorosamente
estudada pelo oper-
so publicista.

Elycio de Carvalho
havia examinado o in-
terior da casa e esse
local nada revelara. Elle
examinou então a apra-
vel chacara, que é no
barro das Aguas Fer-
reas, e interessou se por
uma pequena dependen-
cia que serviu de depo-
sito de ferramentas de
agricultura. A f i m de
descansar, voltou ao in-
terior da casa, onde lhe
serviram, como com-
pensação de sua derro-
ta, uma chavena de chá.
Elycio de Carvalho sor-



O vice-almirante Cyril Fuller, do "Despach" entre o seu ajudante de ordem e o coronel Wolmer da Silveira, commandante da Força Pública do Estado



Visita do vice-almirante inglez Cyril Fuller no quartel do Regimento de Cavalaria de Policia

veu a bebida sagrada
dos nippões e depois de
tirar algumas fumaças
do seu charuto Henry
Clay, disse para o seu
amigo:

— O caso está desven-
dado...

— Com franqueza, res-
pondeu a vítima, cada
vez vejo mais difícil.

— Vamos ali fóra, um
instante.

E não só os dois,
mas todas as pessoas
que ali se acham, diri-
giram-se ao quintal da
casa. Ali, o "gentleman"
e "detective", indican-
do o pequeno telhado
do deposito de ferra-
mentas, fez notar que
havia signaes recentes,
indicando que uma pes-
soa por ali desceria
apoioando-se nas mãos.
Em seguida fez com
que notassem uma telha
um pouco levantada e
disse ao maior interes-
sado: — "Pode subir
naquella pequena escada
e retirar o seu dinheiro."
"E com um pequeno
esforço o comerciante
retirou do local indica-
do um embrulho que
continha os seus 12
contos.

O QUE ACONTA NA PÓEIRA DA SEMANA...



Como é mau o despertar de um sonho!

Foi como um lindo sonho. Ela ficou a pensar que o rapaz de óculos com aros de tartaruga era um moço rico, tão rico que fosse capaz de realizar o seu grande ideal na vida. E o seu ideal na vida é pouco: um palacete dois automoveis, viagem de nupcias á Europa, outra viagem á America do Norte para ver de perto a famosa Hollywood e um chequé mensal de cinco contos de reis... para os alfinetes. Ora ahi está como é simples e bom sonhar. O que houve, porém, é que o rapaz de óculos com aros de tartaruga ganha seiscentos mil por mez, possue algumas dívidas e a esperança... de outras maiores.

Que lição, hein senhor commerciante!

A linda criatura cançou de esperar. Esperou muito que o jovem comerciante se resolvesse. Elle, muito timido, não soube tomar a offensiva, como lhe competia. Intelligente o bastante para comprehendêr que ella o desejava, faltou-lhe, todavia, o animo para atacar. Esperou talvez que ella o procurasse. Por isso, o romance suavemente entresonhado não chegou á realidade. Morreu no primeiro capítulo. E como em tudo na vida ha successores, o successor do jovem comerciante foi um exemplar inverso do delle, atrevido, forte, desapaixonado, brutal, mas valente e desassombrado como ella queria. A vida é assim...

Um romance de paginas em branco...

Não houve psychologo, até hoje, que soubesse explicar a razão porque certas criaturas são arrastadas para outras tão irresistivelmente. Esse foi o caso daquelle moço circumspecto, tão monigerado que se diria incapaz de uma explosão de sentimentalismo. O destino levou-o, uma vez, á presença da criatura que deveria ficar em primeira linha na sua vida sentimental. Veio daí um desses romances encantadores, cheio de suaves recolhimentos de alma, de dedicações apaixonadas, de subtilezas passionaes. O curioso é que ella nunca demonstrou percer o fogo que ateou na alua do rapaz. E elle, como não pode dizer-lhe tudo, dá-se a um malabarismo de attitudes para fazel-a comprehendêr o que a sua alma sente de doida emoção ao vél-a, ao perceber-lhe o alheamento desesperador. Isso irá até quando? Quem o sabe? O destino, que se compraz em brincar com as criaturas, arma, ás vezes, cada surpresa...

Das 14 ás 17, expediente para o publico...

Quinze horas e mais alguns minutos. O scenario é de repartição publica. O chefe, um rapaz sympathico e, pelo visto, querido, utiliza o 'telephone. Meia voz... Palavras ciciadas. Promessa de madrigaes. Phrases: Então, logo mais, á noite... — Ahi deve estar mais fresco, aqui está um calor... — Você é um anjo! — Cuidado com "A poeira da semana"! — Conhece o auctor? — Não?! — Elle é discreto e usa no maximo, as iniciaes... — Ah! ás vezes põe uma "penninha" para atrapalhar Sim? Então até á proxima telephonema... —

Adeus! — Tudo isso uma historia que faz disposto o chef. Continúa o expediente. Das 14 ás 17, expediente para o publico...



A
G
L
O
R
I
O:
S
A
C
E
R
T
E
Z
A

D
E
A
U
S
T
R
O
|
C
O
S
T
A

Certeza de que és bem, no meu Sonho, a Enviada,
a Differente Exul que minha Ansia bemdiz!

Certeza de que vens, sôffrega e deslumbrada,
para que eu seja bem feliz!

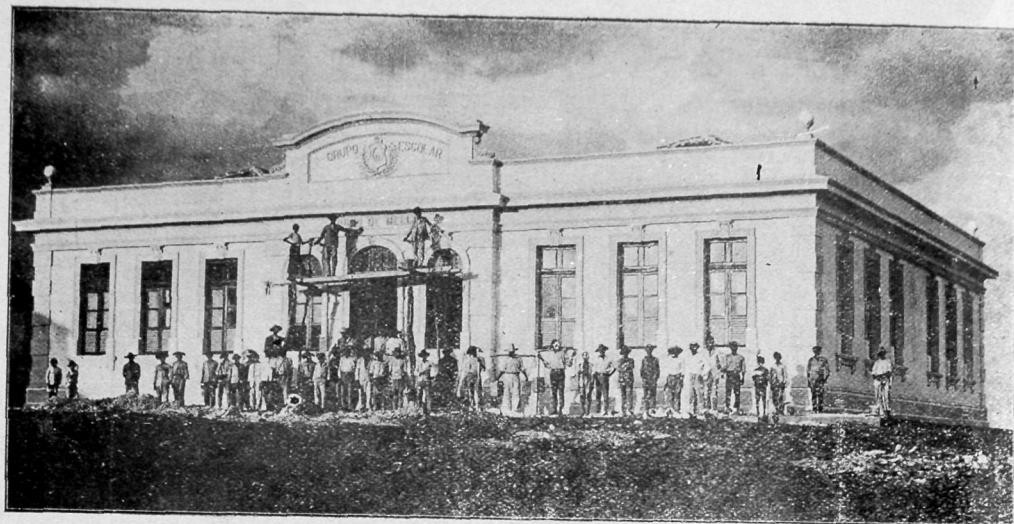
Certeza deste bem nascido
Idéal, a florescer dos Tempos através...
Certeza que me faz glorioso e commovido!
Certeza que me põe de joêlhos a teus pés!

Certeza de que em vão não me bates á porta,
e a porta, enfim, não te abro em vão...
Que, ao teu Milagre, a Vinha Morta
resuscita, feliz, para a Nova Sazão!...

Certeza de que és toda a Promettida, a Estranha
que, por Senhora e Dona, em minha alma elegi!
Certeza de que a luz em que o meu sér se banha
é a doce luz que vem de ti!

Certeza de sagrar em ti a Excelsa Rosa,
a Unica, a "Só" de meu jardim:
Vida, essencia e fulgôr da Alegria Gloriosa
que anda a cantar dentro de mim!

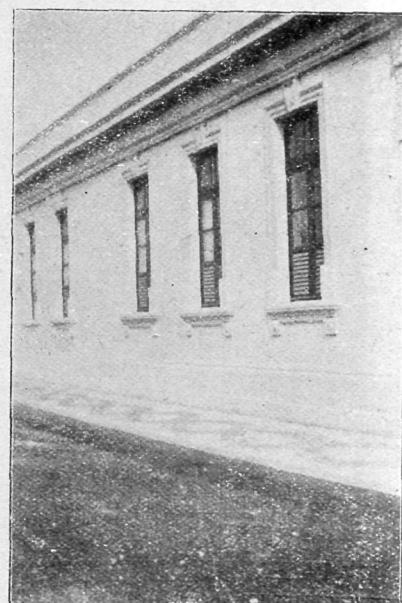
Certeza de que vens, corôada de pureza,
maravilhosa de intimo esplendôr,
divinizar a esplendida certeza
do meu, do teu, do nosso lindo Amôr!...



Grupo Escolar Julio de Mello, do município de Floresta, é um dos melhores do Estado



Dois detalhes
do
edifício
interna e
externamente



LAMPADA DO AMOR

Luz ! Mas onde é que a luz está ? Que se erga e fulja á abrasadora flamma do desejo !

Eis a lampada, mas sem que arda nella a chamma: terás igual destino, coração ?

Ah ! seria morrer para i preferivel.

Vem bater te a miseria á porta : o seu recado é de que está velando o teu senhor que manda chamar para o encontro da noite.

Vão sombreando o céu bastas nuvens, e a chuva sempre a cair...

Não sei o que é que surde em mim... Nem sei tão pouco o que isto quer dizer.

Luz ! Mas onde é que

a luz está ? Que se erga e fulja a abrasadora flamma do desejo !

Troveja; o vento ulula, abala e gela os ares.

E' negra a noite como negra ardósia... Não deixes decorrer a tua hora no escuro. Usa, que o farás bem a tua propria vida, para accender a lampada do amor.

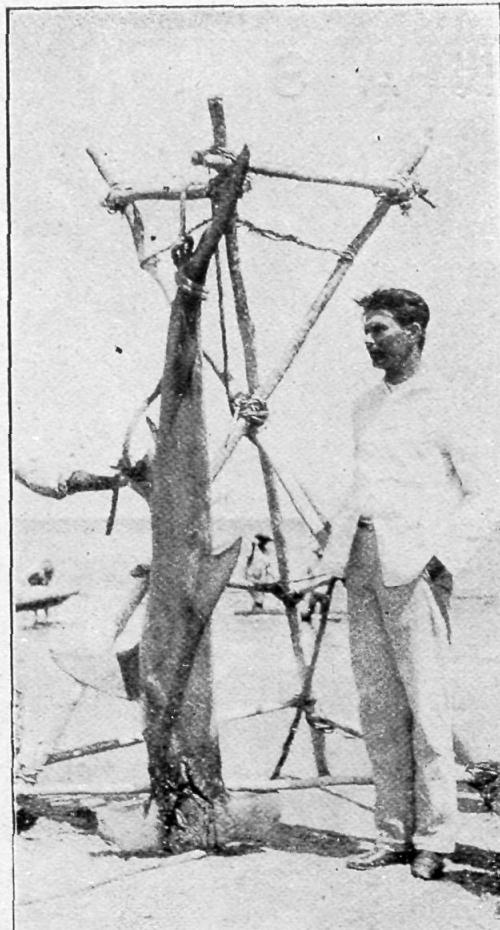
RABINDRANATH TAGORE

De subito, a faísca de um relâmpago torna a por nos meus olhos uma treva mais profunda; e eis que o meu coração, tateando, busca o pequeno atalho, para o qual a musica da noite me convida...



NESTES tempos de vida difícil, em que o "beef", no restaurante, é tão pequeno que fica escondido debaixo da batata é talvez perversidade fallar no appetite de certos homens de letras, sobre o qual acaba de aparecer, na França, um estudo interessante.

Effectivamente, e ao contrario do que muita gente suppõe, os homens de genio são em geral, formidaveis gluttones. Victor Hugo, por exemplo, comia como um gigante. Em seu prato principal, creaçao sua que elle reputava superior a "Legende des Siècles" e á "Notre Dame de Paris", era um aferventado formidavel, em que entravam costelletas de vitello feijão, azeite, vinagre, ovos, tomates, mostarda e queijo. Por cima disso, que era devorado furiosamente, derramava



A pesca do tubarão...

o poeta diversas chicaras de café, grandes como copos.

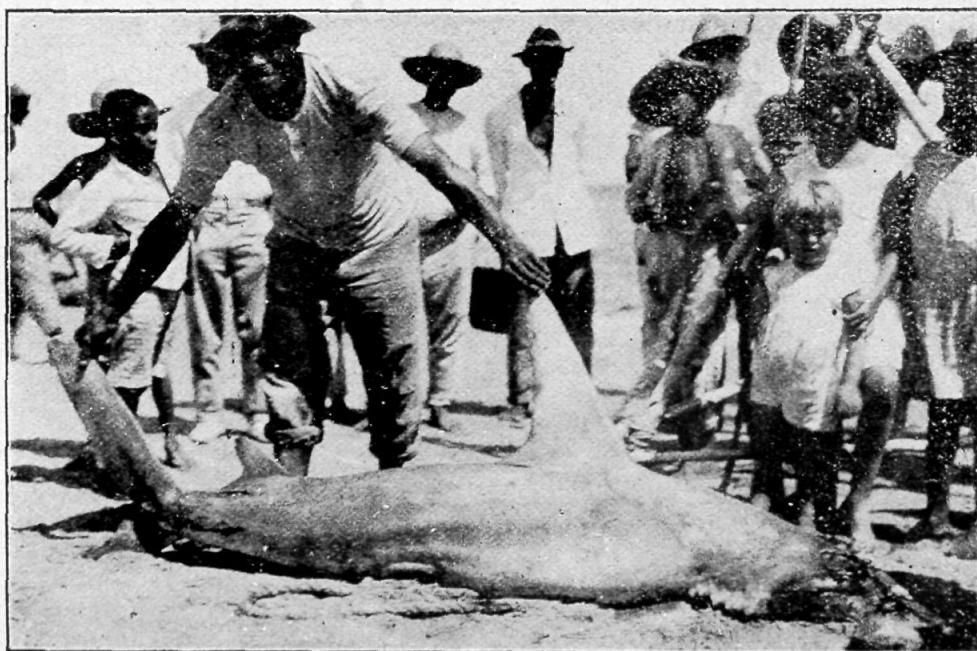
Balzac era outro garfo que igualava com a penna. Quem o visse á mesa, comendo e bebendo com soffreguidão, suppol-o-hia com oito dias de fome. E como comia depressa e bebia a grandes góles, dava a impressão de que nunca se havia sentado á mesa entre gente de educação.

Alexandre Dumas, o velho era no genero, um digno companheiro de Balzac, e de Hugo.

— Nunca me sentei a uma mesa que comesse menos de tres "beef-steaks"... dizia-lhe.

— A não ser quando só havia dois...

No Brasil, essas tres grandes figuras das letras francesas devem ter outros irmãos. Aqui, o que falta não são os gastronomos: são os "beefs".



... na praia de Ponta de Pedras

O C A C H O D E B A N A N A S

(Reproduzido d' «Diário
de S. Paulo»)

— Quê? Um cacho de bananas?

Affonso VI, o pobre, bragança mentecapto, com as suas barbas ruivas, paralytico, a bengala de castão de ouro na mão, despachava naquelle tarde com o conde de Castello-Melhor. Ao ouvir o ministro, que acabava de lhe contar tão pitoresca excentricidade, o rei abriu a cara bochechuda numa gargalha ruidosa.

— Quê? Um cacho de bananas?

— Sim, Majestade! Um cacho de bananas...

Estavam no fim do despacho. O conde de Castello-Melhor, antes de sahir, communicára ao soberano o extravagante caso:

— Está em Lisboa, há já duas semanas, o velho Manuel João Branco. Veiu elle no Brasil...

Affonso VI, recordando-se:

— Manoel João Branco? Parece que já ouvi falar...

— Vossa majestade, certamente, já ouviu falar... Manuel João Branco é aquele que foi despachado para S. Paulo. É o governador das minas de ouro. Vossa majestade não se recorda?

— Ah, já sei... Já sei...

— Pois vem elle do Brasil, com sessenta e quatro dias de ruim viagem, só para ter a honra de beijar a mão do rei. E como bom vassallo que é, pensou o brasileiro em galantear á vossa magestade com um presente da sua terra. Por isso, com grandes mimos, trouxe elle no galeão, do Brasil, um cacho de bananas.

Trazer da America, ao rei, um cacho de bananas! Onde já se viu idéa tão burlesca? Aquillo, por certo, era capricho de velho tonto.

Affonso VI, ouvindo, pôz-se a rir gostosamente, portuguesmente! No entanto, apesar da extravagância, o rei consentiu logo em receber o homem e o presente. Que fazer? Manuel Branco era de S. Paulo. E gente de S. Paulo, gente que ia pelos sertões á cata de ouro, carecia, naquelle momento, adoçada com deferencias que envaidecessem.

Já se lá iam, longe, os tempos dourados das Indias. Não mais, emmastroando o Tejo, aquelle antigo, borborinhante formigueiro de náus, som es-

quifes suspensos nos costados, a despojárem nos mazens de Lisboa os carregamentos formidaveis das colónias asiáticas. Não mais, enriquecendo o rei e reino, a pimenta do Ceylão, o cravo das Molucas, camphora de Bornéo, o locar, as baetas, as sedas, cavallos de Ormuz, as perolas do Pegú, o benjo de Sumatra. Não mais, praguejando, os mercantes judeus, com os saccos atulhados de moeda, supondo ao administrador das alfandegas, aos brados que recebesse sem demora o ouro dos seus impostos.

Tudo passará. A velha opulencia do Rei desabára por terra, em cacos.

Portugal, nas Idias, perdera a sua bella hegemonia colonizadora. E empobrecia. Estava exhausto e endividado. Os inglezes, credores frios, depois tratado de Methuen (dil-o Oliveira Martins) "havia feito de Portugal uma fazenda; uma vinha da Grã-Bretanha no Meio-dia".

Era desoladora a situação nacional. Em menos de aperturas, dentro do cipoal das cambias, deixava á metropole apenas uma esperança; o Brasil. E com razão! As minas da colonia, as tão sonhadas tão suspiradas minas, entremostravam-se já, risinhamente, com as suas areias e cascalhos amarelos do metal fino. Os veios fartos de Cataguases de Sabarabussú, como por milagre, começavam já mandar ao reino, alvorçoçando-o, as primeiras arribas de ouro em bruto. Portugal, esporeado na sua cobiça, tinha os olhos cravados na terra americana. E o rei, com estudas arteirices, não se cansava e mandar vistosas cartas, assignadas do seu propósito, aos vassalos de além mar, insuflando-os e incentivando-os.

Os paulistas, com as cartas aduladoras dentro de bruacas e com ambições asperas dentro do coração, embrenhavam-se pelos mattos bruscos, como bandos selvagens de caitetús. Não havia barreiras para aqueles homens barbaçudos, vestidos de couro, a cata de ferro ao homem, a adaga afincada no cintão da onça. Sertanejos épicos! Varavam aguas, rachavam morros, cavocavam chãos, rompiam mattaques, arcebuzavam bugres, veneiam paludes. Eram elles, barbaros, que ian, visionariamente, pelo Brasil adentro, á busca de esmeraldas e ouro. O rei, lá da corte, desmanchava-se para com elles em palavras doces Pagava-os com cartas. Galardoava-os com habitos de Clristo. E espicaçava-os, espicaçava-os... Ah, as minas de ouro! Ah, os paulistas!

Eis porque, ao saber que Manuel Branco, vindor de S. Paulo, queria, com o seu cacho de banana beijar-lhe a mão, Affonso VI não hesitou em ordenar, pressuroso e atavial:

— Pois manda-lhe dizer, conde, que vem amanhã! Amanhã, depois da merenda, dou a mão beijar ao brasileiro.

Nessa tarde, na sua hospedaria dos arcos do Rio, Manuel Branco recebia, por dois escudeiros aguardados, a ordem altamente envaidecedora de beijar, a outro dia, depois da merenda, a mão do rei.

* * *

Manuel João Branco, casado com Maria Leme, sobrinha de Fernão Dias Paes Leme, conquistado das esmeraldas, era, desde 1624, governador das minas de S. Paulo.

Meteu-lhe na cabeça, já branca, a idéa de ir

Portugal beijar a mão do rei. Não valeram conselhos, nem palavras de peso. O piano estava rudemente assentado no velho turrão. Nada o demovreu.

Ajuntou as suas peças de ouro, luziu as sapatinhas de cordovão, agalhou escravos, entupiu canas-trás. Um dia sem prôa nem espaventos, metteu-se singelamente num galeão e tocou rumo ao Tejo. Levara, para uso privado, o seu fumo de rolo, o inqueiro de pedra, dois saquinhos de pimenta, um alqueire de passoca de porco. Conservou, na travessia, os mesmos rudes hábitos de provinciano. Timbrou com acinte, em não mudar dum atimo o tom de vida que mantinha no Brasil. Era saborosamente ridículo. Os companheiros riam-se delle. Chasqueavam-n'ó sem dó. Mas o brasileiro, indiferente á mofa, desembarcou tranquillo em Lisboa. Aboletou-se na «Hospedaria da Bemfeitinha». Trazia, com orgulho, para beijar a mão do rei, um cacho de bananas.

Solicitou, por via do ministro, a audiencia real, tão longamente ambicionada. Esperou. Emfim, depois de duas semanas, o dia da audiencia chegou.

*

São três horas da tarde. A rua Nova serve. Grande alvoroço! Ha gente aos bandoz pelas esquinhas. Formidável assuada vai estrondeando pela rua abaixo. São apupos turiosos. Gargalhadas e berros. Os garotos da Cotovia assobiaram desabaladamente. O barulho é infernizante. O povo, ao fragor da assuada, accorre em chusmás cada vez mais densas. E a assuada engrossa. E os berros redobram. E o esbrépito da vaia rebola cada instante mais fragoroso. Que é? Um caso comic! E' que desce pela rua Nova este inesperado sequiço:

Quatro mulatos, fardados com fardas douradas, vão à frente, rompendo o povo, à moda de batedores. Dois escravos, em seguida, carregam larga bandeja, de prata. Ha, na bandeja, qualquer coisa que vem recoberta por vistosa, alvíssima foalha de rendas. Atraz, quatro outros escravos, quatro forçudos negrões de Angola, suspendem aos hombros com pericia, custosa réde, brasileira. Deitado na réde, tranquillo, um velho. E' Manuel João Branco.

Imperturbavel, com a mesma serenidade com que atravessaria as ruazinhas de S. Paulo, o brasileiro corta aquelle gritante borborinho do povo. Não se preocupa. Vae socegado, indiferente. Embalde as vaias ensurdecem. Embalde os assobios silvam. Embalde a multidão se precipita, ás gargalhadas, a vér o brasileiro bizarro. Manuel Branco não se aflige. Affronta o ridículo com esmagadora superioridade. E lá vae, risonho, nos hombros dos escravos. Lá vae, descuidosamente, aos cambaleios da réde, com os mulatos á frente, beijar a mão dc rei.

Negra massa acompanha o prestito. Segue tudo atraz do extravagante personagem. Para onde diabo se dirige aquelle entrudo?

Os escravos alcançam o Terreiro do Paço. No palacio do rei, ao estrondo do povo, acodem cortezaos ás janellas. Voltam todos rindo, rindo a perder, mostrando lá embaixo a procissão espaventosa:

— O brasileiro! O brasileiro!

Manuel Branco continua, impassivel. Em frente ao Paço, os escravos estacam. Manuel Branco salta da réde. Entra na casa do rei. Sobe desembaraçado as lergas escadarias atapetadas. Dois escravos, com a bandeira de prata, seguem o sertanista pelo paço a dentro.

* * *

D. Affonso VI, no salão dos despachos, espera o brasileiro. A rainha, curiosa tambem veiu. A rainha com os olhos sínscidos no principe D. Pedro, irmão do rei, é aquella fragil Maria de Nemours, princesa de França, perturbadora boneca de luxo, que trouxera, da corte civijizadíssima de Luiz XIV, todos os vícios requintados da época. Lá está, junto ao soberano, o conde de Castelo-Melhor, o homem poderoso que governa o reino. Lá está o bispo de Thessalonica. Lá está, pintalgando a sala, muita perua de faceira. E muito quitéo de ouro. E muito punho de renda. E muito bofe de Hollanda.

Todo aquelle mundo, palaciano e frívole, viu através das janellas, o brasileiro vir pelo terreiro do Paço, deitado na réde, com seus mulatos de librê, vaiado pela garotada da Cotovia. E todo o mundo ri... E' um gozo!

Eis que o escudeiro levanta o reposteiro de veludo. Annuncia alto:

— Manuel João Branco, administrador das missas de S. Paulo!

O administrador entra. E' homem tosco, enrugado, os cabellos brancos, dois olhinhos vivos, que lampejam.

Manuel Branco, sem embaraço nem vexame, attavessa pausadamente o salão. Aproxima-se do rei. Ajoelha-se. Beija-lhe as mãos. Depois, com embasbacante semi-cerimonia, vira-se para os escravos, desobre a bandeja de prata:

— Me desculpe, majestade! No Brasil, para presentear o rei, a gente não tem outra coisa senão isto...

E aponta o cache de bananas. A Corte, com espanto, vê, na bandeja de prata, faiscando, o mimo do caboclo: era um opulento cache de bananas de ouro! Que lindo! Vastas pencas de ouro, grosso talo de ouro, tudo ouro!

A corte cessou de rir. Manuel João Branco era um paulista precioso...

P A U L O S E T U B A L



... de ancias, de desejos ...

A' pag. 105 de "O Mestre de Frances", por André A. Daux (1872) encontra-se esta anecdotá, sob o título "Cadeira feita á pressa:" Indo um dia ao paço certo embaixador de Carlos V, na corte de Solimão, de Constantinopla, tratar de negócios com o imperador, reparou em que não havia na sala cadeira para elle; então, sem dar mostras de agastado, tira a capa, lança a ao chão, senta-se nella, e continua a falar ao grão Senhor. Acabada a audiencia, levanta-se, deixa ficar a capa onde a puzera e sae. — "Esqueceis a capa", diz o Turco. — "Os embaixadores del Rei meu amo, responde o atrevidíssimo e orgulhoso fidalgo, não costumam levar a cadeira em que se assentam".

O estylo em que está redigida esta anecdotá tem sabor classico, e de um classico decerto a transcreveu o A. do citado methodo.

Mas, a mesma anecdotá é narrada de modo diferente e atribuída a outros personagens nas 1001 "Anecdotes", de Jean Peller p. 119, da edição de 1839, e é dada como extraída de Bernardin de Saint-Pierre.



A treva, densa, cae
amortalhando o corpo
frio da noite
e o vento num açoite,
pragueja nos pinhaes.
Penso que estás distante.
e que não voltas mais...
Soluços de mulher abandonada
ululam no meu peito...
Busco, na sombra, a sombra do teu vulto,
na voz do vento a tua voz escuto,
e como cresce a noite, vai crescendo
esta febre minaz!
O chicote da insomná me calcina...
Recrese a fome estranha de teus beijos,
a sede de carinhos,
um desejo lascivo de viver,
ou, por outra--morrer
entoando
o cantico sagrado
da divina epopéa do Peccado!...

M A R I L I T A
P O Z Z O L I

re, no "Essai sur J. J. Rousseau":

"Un ambassadeur nègre fut reçu par un gouverneur de Portugal dans une salle où il n'y avait ponit d'autre fauteuil que celui où il était assis. Quand l'ambassadeur noir fut près de lui, le Portugais lui demanda, sans se lever: "Votre Maître est-il bien puissant?" Le nègre fit assitôt coucher par terre deux de ses eschaves, s'assit sur leur dos puis se recueillant un moment, il dit gravement au gouverneur: "Mon maître a une infinité de serviteurs comme toi, cinquante comme le roi ton maître, et, un comme moi". A ces mots, il se leva et sortit. Cependant ses esclaves restaient accroupis dans la salle d'audience; on fut lui dire de les rappeler; mais il répondit: "Ma coutume n'est pas d'emporter les fauteuils des lieux où je m'assieds."

Como se vê, as versões são diferentes, mas no fundo a anecdotá é a mesma.

Devemos ter como certo que ha exemplo dessas embaiadas negras ao reino de Portugal. Haja vista a do Rei dos Jalófios recebido por D. João II, em 1488, e tão pittoresca-



mente relata pelo conde de Sabugosa ("Bóbos na corte", p. 153 e segs).

Aquellas anecdotas fazem tambem lembrar a do indio Ararigboia, a quem, assentando-se em posição incorreta e cavalgando uma perna sobre a outra, em presença do dr. Salema, em cuja casa estava de visita, mandou-lhe este dizer por um interprete que a posição em que estava não era conveniente deante do governador, representante da pessoa do Rei. Ao que respondeu o indio: Se souberas quão cansadas



D U S B O N E C A S

*A maior, fala anda,
canta, dansa e serve
de memãá, menor...*

tenho as pernas das guerras em que servi el-rei, não extranharas o dar-lhes eu agora este pequeno repouso; mas já que me achas pouco cortezão, vou-me para a minha aldeia, onde não curamos desses pontos e não volto mais a tua corte.

Como não são raros os casos de uma narrativa sugerir outra não é coisa de extranhar que essa do valente Ararigboia não passe de uma simples parodia, e nada tenha de real, até porque a lenda é a poesia da historia...



O casal Antonio Germano Regucira Pinto de Souza, cujo 34.º anniversario de casamento passa amanhã





**UM
SARA'U
NO
CÉU**

Deus lembrou-se um dia de dar um saraú nos seus paços azues.

Convidou todas as virtudes; cavalheiro nenhum damas, sómente.

Vieram muitas virtudes, grandes, e pequenas, e estas eram mais affaveis e cortezes do que as grandes: mas todas pareciam satisfeitas e conversavam polidamente, como deve acontecer entre pessoas intimas e aparentadas.

De repente, o Padre Eterno notou duas bellas damas, que pareciam desconhecidas uma á outra.

— Apresento-lhe a BENEFICENCIA, — disse elle, designando a primeira. Apresento-lhe GRATIDÃO — acrescentou apontando gara a segunda.

As duas virtudes ficaram indizivelmente pasmadas; desde que o mundo é mundo, era a primeira vez que se viam.

Logo que findou a festividade, a celestial orchestra dos anjos entoou uma saudosa harmonia, e os convivas fizeram as despedidas do estylo com o respeito e etiquetas devidos á Corte Empyrea, indicando cada uma das uirtudes, ao separar-se, o logar em que podia ser encontrada; e assim, disse a FÉ que a sua morada era nas grandes almas

e corações firmes; a Caridade disse que no seio das pessoas amantes da BENEFICENCIA, sua irmã gemea; a HONRA, que a procurasse virgens, na fronte dos homens de bem e nas da mulher honesta; a ESPERANÇA, que estava em todos os logares por onde não passasse o seu maior adversario — o DESENGANO; a ABNEGAÇÃO, onde não mora o INTERESSE; a CONSCIENCIA, na alcova e na habitação da sua prima carnal — A FÉ, etc.

E, assim por deante, cada virtude fazia a sua despedida, declarando ás outras onde a deviam encontrar; mas notava-se que uma das virtudes, triste e succumbida, se conservava de cabeça baixa, com os olhos banhados em lagrimas e sentada a um canto, sem se resolver a sahir com as outras:

— era a VERGONHA.

— Dá-me um abraço — disse-lhe a HONRA — e declara-me onde te posso encontrar.

— Ah! — exclamou a VERGONHA. — A razão do meu abatimento e tristeza é muito justa, porque vejo que as minhas amigas se separaram e designam as suas moradas, enquanto eu só posso dizer-lhes com profunda dôr — que quem me perde uma vez, nunca mais me encontrará.

**CATULLE
MENDES**

S.A. REVISTA DA CIDADE

CAPITAL SOCIAL 200:000\$000
RUA DO IMPERADOR PEDRO II, 207
End. Teleg. REVISTA — PHONE, 6015

DIRECTOR PRESIDENTE — *Major Adolpho Cavalcanti*
" THESOUREIRO — *Senador Waltredo Pessoa*
" SECRETARIO — *José Penante*
" GERENTE — *Dr. José dos Anjos*

OFFICINAS APPARELHADAS PARA TODO
TRABALHO GRAPHICO

"REVISTA DA CIDADE"

o magazine de maior circulação em todo
o norte do Brasil e o unico que tem
officinas e organisação proprias.

ASSIGNATRUAS :

UM ANNO	—	48\$000
SEIS MEZES	—	25\$000

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO A CARGO DO

Dr. LUIS MENDES

Praça Floriano Peixoto, 19

4.^o andar Sala da frente

(Editicio Imperio)

Tel. C. 2859—Endereço telegraphico—FANEIRA



CHOCOLATE BEIJA-FLÔR

MELHOR QUE UM BEIJO!

RHEUMATISMO E SYPHILIS TERCIARIA

Temos necessidade de aconselhar

EIS O QUE DIZ UM MEDICO



Dr. Arthur Gonçalves, doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, chefe de clinica na Santa Casa de Misericordia do Recife, professor da Escola de Odontologia de Pernambuco.

Atesto que tenho empregado em clinica o *Elixir de Nogueira*, formula do pharmaceutico chimico João da Silva Silveira, obtendo sempre os melhores resultados, nos casos em que o medico tem necessidade de aconselhar um bom despurativo.

Recife, 2 de Maio de 1917.

Dr. Arthur Gonçalves

Num trem de suburbios, um cavalheiro antes de accender um charuto, dirige-se, com toda a urbanidade, para a sua vizinha, uma bonita senhora, acompanhada por um menino:

—A tumaça não incommoda V. Ex.?

Ao que o pequeno responde vivamente:
—Não senhor, mamãe tambem fuma!

O enfermeiro: —Morreram tres doentes, esta noite.

O medico: — Não é possivel, pois deixei, hontem, quatro desenganados.

O enfermeiro: — Sim; porém um se negou, terminamente, a tomar o remedio.

ATELIER DE GRAVURAS

EMILIO FRANZOSI

Fabrica de Placas esmaltadas, metal e letreiros

GRAVURAS

para alto relevo sobre metal e aço.
Cunhagem de medalhas e distincivos.
Fôrmas para sabonetes. Marcas a fogo e recortadas. Sinetes para lacre. Carimbos de aço, metal e borracha

Premiada com Diploma de Honra e Medalha de Ouro

TRABALHOS GARANTIDOS

Rua General Abreu e Lima, 265

Telephone, 6418

Esquina cem a rua do Caju



Guaraná Champagne

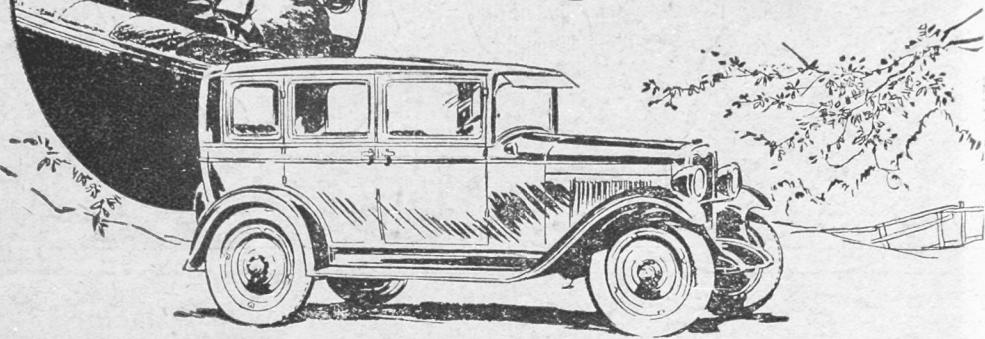
A excellente bebida
sem alcool!

O melhor refresco
que contem, de
facto, o legitimo
Guaraná do Ama-
zonas

Fabricação da
"ANTARCTICA"



Conforto e Dirigibilidade



Dotado de um conforto unico na sua classe, Chevrolet allia a essa qualidate a extraordinaria facilidade de dirigir.

Uma experencia feita com o novo Chevrolet revelava-sa de prompta a razao da preferencia que elle mereceu por parte da mulher: o conforto e a facil dirigibilidade — qualidades essenciaes para a "chauffeuse".

PREÇOS f. b. o. RECIFE

Turismo	7:700\$000
Barata	7:700\$000
Coche	9:950\$900
Sedan	10:600\$000
Chassis	7:800\$000
Cabriolet	11:351\$000
Coupé	10:600\$000
Bandau	11:900\$000

Além disso, a belleza attrahente das carroserias bem proporcionadas, a solidez e seguranca do chassis reforçado e as notaveis condições de funcionamento do potente motor Chevrolet, de valvulas na tampa, são elementos que — combinados com o conforto e a facil dirigibilidade — muito contribuiram tambem para tornar o novo Chevrolet, o carro favorito da mulher.

GENERAL MOTORS OF BRAZIL, S.A.
CHEVROLET PONTIAC OLDSMOBILE OAKLAND BUICK VAUXHALL LASALLE CADILLAC CAMINHOS GM

AGENTES CHEVROLET AUTORIZADOS NESTA CAPITAL

P. Villa Nova & Cia.

51 Rua Visconde de Camaragibe — 51

M. A. Pontual & Cia.

133 — Av. Marquez de Olinda — 133

AGENTES AUTORIZADOS NAS PRINCIPAES CIDADES DO PAIZ